

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
ARTES VISUAIS - BACHARELADO

FELIPE BERGER BEZERRA DE MENEZES

**SERAFINA:  
OCUPAR O CORPO, O MUNDO, A VIDA E A ARTE**

GOIÂNIA-GO  
FEVEREIRO/2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **FELIPE BERGER BEZERRA DE MENEZES**

Título do trabalho: **SERAFINA: OCUPAR O CORPO, O MUNDO, A VIDA E A ARTE**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Berger Bezerra De Menezes, Discente**, em 24/02/2023, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Maria Chaud, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 19:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3541202** e o código CRC **2D5BDF9D**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

FELIPE BERGER BEZERRA DE MENEZES

**SERAFINA:  
OCUPAR O CORPO, O MUNDO, A VIDA E A ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção de título de Bacharel em Artes  
Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV)  
da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Professora orientadora: Eliane Maria Chaud.

GOIÂNIA/GO  
FEVEREIRO/2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

De Menezes, Felipe Berger Bezerra  
Serafina [manuscrito] : Ocupar o Corpo, O Mundo, a Vida e a Arte  
/ Felipe Berger Bezerra De Menezes. - 2023.  
lvi, 56 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Eliane Maria Chaud.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,  
Goiânia, 2023.

Bibliografia.  
Inclui lista de figuras.

1. Arte. 2. Vida. 3. Drag. 4. Queer. 5. Montação. I. Chaud, Eliane  
Maria, orient. II. Título.

CDU 7

Defendido e aprovado publicamente em 15 de fevereiro de 2023, pelos seguintes membros da banca:

---

Profa. Dra. Eliane Maria Chaud - Orientadora  
Universidade Federal de Goiás

---

Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues - Avaliadora  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte-Feitoza - Avaliador  
Universidade Federal de Goiás

GOIÂNIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 15 do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “SERAFINA: OCUPAR O CORPO, O MUNDO, A VIDA E A ARTE”, de autoria de **Felipe Berger Bezerra de Menezes**, estudante do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Eliane Maria Chaud - orientadora FAV/UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1 - Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, FAV/UFG; membro 2 - Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza, FAV/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a **nota final 10,0 (dez)**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Maria Chaud, Professora do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 10:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2023, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3464194** e o código CRC **BFF12D4F**.

**Resumo.**

Esse trabalho busca aproximar arte e vida através da análise das Montagens da artista visual e *drag queer* goiana Serafina, usando a prática artística como referência para a compreensão de ideias e conceitos que estruturam a narrativa e a poética dos trabalhos artísticos produzidos pela autora ao longo da graduação em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás entre os anos de 2018 e 2023. Ao explorar a Montagem como uma linguagem artística, a autora compreende Serafina como uma forma de se apropriar da resistência como luta política, buscando nesse manifesto caminhos para existir e possibilidades de transformação da vida cotidiana na produção em artes.

**Palavras-chave:** Arte; Vida; Drag; Queer; Montagem.

**Abstract.**

This work searches connections between art and life throughout the analyses of some artistic propositions made by the visual artist and drag queer Serafina, using the artistic practice as a reference to understand the ideas and concepts which structure the narrative and the poetics of the artistic works, produced by the author along their graduation in visual arts in the College of Visual Arts at the Federal University of Goiás from 2018 to 2023. Exploring Transmutation as an artistic language, the author understands Serafina as an appropriation of resistance as a political fight, searching in this manifest ways to exist in the world and possibilities of transforming daily life through art production.

**Keywords:** Art; Life; Drag; Queer; Transmutation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma Entidade Elemental Nascida no Coração do Cerrado Rumo às Estrelas (I)...	16
Figura 2 - Possessão (I).....	18
Figura 3 - Uma Entidade Elemental Nascida no Coração do Cerrado Rumo às Estrelas (II)..	20
Figura 4 - Possessão (II).....	21
Figura 5 - Autorretrato: Fragmento I.....	23
Figura 6 - Estágio do Espelho.....	25
Figura 7 - Ser Um Com a Natureza (I).....	27
Figura 8 - Ser Um Com a Natureza (II).....	28
Figura 9 - Ser Um Com a Natureza (III).....	29
Figura 10 - Gênese.....	31
Figura 11 - O Arcano Sem Número (I).....	32
Figura 12 - O Arcano Sem Número (II).....	34
Figura 13 - Fome de Mundo (I).....	35
Figura 14 - Fome de Mundo (II).....	36
Figura 15 - Ele e Ela Shopping (I).....	38
Figura 16 - Ele e Ela Shopping (II).....	39
Figura 17.....	39
Figura 18.....	40
Figura 19.....	40
Figura 20 - Ele e Ela Shopping (III).....	41
Figura 21 - Apoteose: Ato I - Gestação.....	44
Figura 22 - Apoteose: Ato II - Dispersão.....	46
Figura 23 - Apoteose: Ato II - Serafina Dá à Luz, ou Tudo é Amor (I).....	47
Figura 24 - Apoteose: Ato II - Serafina Dá à Luz, ou Tudo é Amor (II).....	48
Figura 25 - Apoteose: Ato II - Serafina Dá à Luz, ou Tudo é Amor (III).....	49
Figura 26 - Apoteose: Ato II - Serafina Dá à Luz, ou Tudo é Amor (IV).....	50
Figura 27 - Apoteose: Ato II - Serafina Dá à Luz, ou Tudo é Amor (V).....	52

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO I - GÊNESE.....	14
3. CAPÍTULO II - MUNDINHO SERAFINA.....	30
4. CAPÍTULO III - VIVENDO A ARTE.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
6. REFERÊNCIAS.....	55

## **Introdução.**

Desde muito cedo na minha vida fui atraída pelas artes, um chamado que eu não sabia de onde vinha, tampouco quando havia começado, como se desde sempre estivesse presente em mim. Ao longo da minha criação conturbada, encontrei refúgio em obras e entrevistas de artistas que abriram as portas da minha percepção para a arte, mostrando que ela é uma linguagem capaz não somente de reproduzir e simular a realidade, como também de impulsionar a transformação, tanto pessoal, quanto a de uma realidade social, propondo experiências, ativando emoções, reinterpretando memórias, de modo a produzir novos sentidos humanos, possibilidades de vida não explorada.

Não somente atraída pelas artes, me atraí por manifestações artísticas que confundem as fronteiras entre a realidade e a fantasia, recriando o mundo em que eu vivia, onde eu não encontrava espaços para que pudesse expressar quem sou. Nesse contexto, a arte me apresentou um amparo através de artistas que abraçaram em suas obras a possibilidade de existir para além da reprodução de uma ética social que não contempla a existência de pessoas que divergem das normas e padrões da cultura dominante, no meu caso, principalmente as de gênero e sexualidade.

Foi em Lady Gaga que vi a possibilidade de criar e viver uma nova persona na arte, entregando-se a performance e criando novas expressões humanas, inserindo as artes no corpo e no âmbito do cotidiano por meio de roupas, acessórios, próteses e maquiagens. Em David Bowie e Ziggy Stardust aprendi sobre o alter ego, como explorar novos arquétipos nas artes, arquétipos ainda não percebidos pelas dualidades, despertando emoções inconscientes e aprofundando o entendimento das nuances psíquicas da humanidade na poesia que reverbera através do corpo. Madonna acentuou em mim a percepção de que a genialidade artística não se perpetua na execução de uma técnica à perfeição, e sim na proposição de ideias que questionem as inclinações morais da nossa sociedade e abram espaço para a inclusão de expressões marginalizadas dentro do sistema político dominante. A Tropicália, principalmente na figura de Gal Costa e Caetano Veloso, me apresentou as ferramentas para utilizar referências de um mundo globalizado em uníssono com vivências cotidianas e locais, regurgitando expressões artísticas singulares e vibrantes. Mas foi somente ao conhecer Divine e a arte drag que contemplei a possibilidade de viver a arte como eu queria. Nesses artistas vi a possibilidade de criar um novo mundo no palco e nas telas, pelo qual se possa movimentar livremente, reescrever a história e criar uma nova vida.

O desejo de viver dentro da arte me levou ao curso de Artes Visuais, que comecei a cursar em 2018 na Universidade Federal de Goiás. Ao longo do curso, fui estimulada a experimentar com diversas linguagens artísticas e explorar as ideias que me impulsionavam a criar de maneira muito natural, de modo que as produções se desdobraram em outras, e assim, mergulhada na prática, fui me aprofundando aos poucos na compreensão dos conceitos que iam formando o meu trabalho. Embora a escrita sempre tenha acompanhado o processo de criação visual das proposições artísticas, não entendia o meu trabalho a fundo, não sabia articular quando me perguntavam sobre, tampouco conseguia organizar todas as ideias que levaram a essa intensa produção que teve impacto significativo na minha vida. Eu simplesmente fazia, seguindo o fluxo de um diálogo que estabeleci com a arte através da prática, tendo uma enorme dificuldade de racionalizar a ação que me impulsionava ao fazer artístico.

No presente trabalho, busco as obras que mais reverberaram comigo nesses 4 anos de produção. Aqui, procuro compreender alguns problemas que enfrento no entendimento das minhas produções artísticas. Afinal, como posso defini-las? É pintura? É drag? É performance? Fotografia? Vídeo? Escultura? Instalação? Outra questão é: como as obras se encaixam em um fluxo narrativo que faça sentido e possa ser experimentado pelo público como um novo mundo, de modo a despertar sentimentos, questionamentos e reflexões com interesse e impacto para outras pessoas? Como inserir a minha produção no circuito das artes visuais para exposições, galerias e festivais?

Ao longo da pesquisa, é através da prática artística que identifico as ideias que compõem a poética do meu trabalho artístico, a partir daí, descrevo e analiso as ações, para perceber as associações construídas entre uma obra e outra, através de referenciais teóricos que me auxiliaram a expandir a minha experiência com a arte. O objetivo é dispor uma narrativa na qual eu possa identificar imagens, memórias, intenções e efeitos do fazer artístico na minha vida, buscando seus desdobramentos possíveis.

A antropóloga Donna Haraway é uma peça fundamental na disposição dos conceitos que se apresentam em minha produção, seus textos “Manifesto Ciborgue” e “Símios, Ciborgues e Mulheres: A Reinvenção da Natureza” foram leituras que me deram base para encontrar um sentido nas minhas ideias e abriram caminhos para que eu pensasse meu lugar no mundo por uma perspectiva completamente nova.

Esse trabalho é apresentado em três capítulos, pensados como ensaios, que podem até parecer funcionar individualmente, mas que constroem o sentido da pesquisa se lidos juntos e em ordem. No capítulo I, parto de uma gênese, de onde consigo explorar o pano de fundo que

culminou no início da minha produção artística, buscando desenvolver uma narrativa na qual consiga refletir e compreender sobre a minha história com a arte. No capítulo seguinte, me debruço sobre as memórias dos processos de produção, e a partir daí teço uma rede de relações, buscando estabelecer um diálogo entre as obras analisadas com referenciais teóricos e artísticos, assim como com as intenções e efeitos da produção na minha vida e no mundo. No último capítulo, identifico os caminhos que se abrem com a prática artística, buscando nela possibilidades de transformação da vida.

## Capítulo I - Gênese.

Ao longo da história humana, precisar a criação do mundo, do universo, da natureza e dos primeiros seres tem sido uma busca de diversos povos para entender seu lugar no mundo e determinar sua relação com a biosfera do planeta Terra, assim como com seus semelhantes (e diferentes). Nesse primeiro capítulo, busco no princípio, os elementos chave que compõem a minha produção artística para construir uma narrativa de gênese desta, através da qual posso compreender as intenções, efeitos, práticas e temas que reverberaram na minha vida ao longo desses 4 anos de esforços em fazer arte.

A antropóloga e filósofa Donna Haraway, em seus ensaios reunidos no livro “Símios, Mulheres e Ciborgues: A Reinvenção da Natureza”, exemplifica, através dos antigos gregos, como foi importante para a humanidade localizar o sujeito humano e político como parte de um organismo cósmico maior desde os primórdios de sua história, como forma de determinar práticas e funções sociais, e estruturar a dominação dentro da sociedade (HARAWAY, 1991). A partir dessa ideia, percebemos a forte relação entre poder e corpo, político e fisiológico, assim como a máxima importância da narrativa no contexto de formação do indivíduo.

[A união entre o político e o fisiológico] tem sido uma das principais justificativas de dominação, especialmente a dominação baseada em diferenças percebidas como naturais, dadas, inescapáveis e, portanto, morais. (HARAWAY, 1991, p.8)

Crescer uma bicha, pessoa não-binária, de gênero incerto (fora do espectro binário de gêneros homem e mulher), e sexualidade inclassificável, na cidade de Goiânia, onde impera uma sociedade machista e patriarcal, homofóbica e transfóbica, dominada pelo fundamentalismo religioso e o agronegócio, criou uma barreira entre quem sou e a minha vivência, me impedindo de encontrar referências e modelos com os quais eu pudesse me identificar e impulsionar meu corpo inquieto, meus desejos, aspirações e sonhos, e me fez pensar durante muito tempo que eu carregava uma patologia.

Pude contemplar a possibilidade de naturalizar uma nova relação com o corpo e com quem sou como indivíduo, assim como ressignificar e me reconciliar com as violências que sofri dentro da cultura em que fui criada, quando conheci a Chapada dos Veadeiros, região localizada no norte do Estado de Goiás, compreendendo 8 municípios, cujo o mais populoso é Alto Paraíso de Goiás. A Chapada dos Veadeiros é uma das regiões geológicas mais antigas do

país, com formações que datam de 1,8 bilhão de anos, e a mais antiga do Cerrado, tendo resistido às erosões que formaram o Planalto Central por ser constituída de quartzitos, rochas extremamente fortes. A região também é a de altitude mais elevada do centro-oeste, com marcadores superiores a 1700 metros, e a mais luminosa da Terra se vista do espaço, segundo a NASA. Ao ser confrontada com a ancestralidade e exuberância do bioma natural em que vivi, vi a possibilidade de reviver e reimaginar meu corpo natural, de modo a transformar a minha relação com a vida (HARAWAY, 1991), praticando esse exercício na arte.

Desde que conheci a Chapada dos Veadeiros em 2015, eu sonhava com as trilhas do Sertão Zen: mais de 8 quilômetros morro adentro, passando por pradarias, platôs, campos limpos e sujos de Cerrado, através de uma exuberante natureza, que levam a uma cachoeira vinda direto da nascente do Rio Macaquinhos, se jogando para o vale em direção as colinas distantes. Mas essa é uma das trilhas de mais difícil acesso da região, e pode ser acessada apenas em certas épocas do ano. Pude realizar o meu sonho somente três anos depois, em janeiro de 2018. Depois de conhecer melhor a região, mapeei o trajeto do Sertão Zen através de imagens por satélite, e, com um mochilão nas costas, contra a recomendação de amigos e conhecidos, parti. Carregava poucas provisões necessárias para os dois dias em que planejava permanecer no mato, além de uma barraca, trazia peruca, maquiagens, tintas, demaquilantes, pincéis e roupas feitas dias antes. Depois de caminhar por quase 4 horas, cheguei às margens do rio e respirei fundo: eu estava em casa.

Foi ali que ganhei vida, e dei vida; às visões, ideias, fantasias e sonhos de transformação. Foi como se todos os meus desejos reprimidos de fazer arte tivessem se adensado, se tornado espírito, e como que me possuíssem. Posicionei o espelho na pedra, me sentei no chão, na beira da água gelada correndo por entre as rochas translúcidas sob o forte sol daquela tarde tão comum no Cerrado, e comecei a me pintar. Nesse momento percebi que tudo era possível, declarei a minha independência, e gritei a resistência de ser eu através da arte estampada em minha pele.



Figura 1: Uma Entidade Elemental Nascida no Coração do Cerrado Rumo às Estrelas, Montações, 2018, Acervo Pessoal.

Sob o que Regina Melim chama de o “desejo incontido de habitar a [minha] própria obra” (MELIM, 2008, p. 50), lancei-me nas paisagens da imaginação, e me apropriei do mundo como o meu ateliê. No meio do mato, onde a sinfonia dos bichos tocava, e o sussurro das águas cantava em meus ouvidos, dancei sob os olhares das plantas, acompanhando o ritmo dos galhos retorcidos das árvores.

O corpo se torna parte essencial do meu trabalho artístico já nesses primeiros momentos de produção, como suporte para o desdobramento de questões que começam com a pintura e a escultura (MELIM, 2008). A maquiagem, as roupas e acessórios criados para as intervenções artísticas também assumem papel fundamental na transformação que proponho trazer à vida, resultando nas **Montações**; performances que acontecem

“por meio de truques e próteses com duração temporal [...] convocados para construir em conjunto os códigos de um novo ser.” (THURLER, AZVDO, 2013, p.3)

Poucos dias antes da performance feita no Sertão Zen, essa ideia de tornar arte em vida se precipitou com toda a potência de sua incidência pela primeira vez, não muito longe dali, dessa vez às margens de um pequeno córrego, afluente ao Rio Preto, no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. O dia não era de sol, e estava carregado de nuvens pesadíssimas e ameaçadoras, com sua promessa de um temporal a qualquer momento. Foi nessa tarde nublada que olhei meu reflexo no espelho e, pela primeira vez, segui o instinto de mudar a imagem em quem eu não me reconhecia. Aqui renasci, e nasceu a minha produção artística, que passei a chamar de Serafina a partir de então.



Figura 2: Possessão, Montação, 2018, Acervo Pessoal.

Ao me despir dos elementos que construíam a minha identidade, usando a arte como ferramenta para ressignificar os atributos da figura humana e criar uma nova expressão, dei vida a uma nova personalidade, um alter ego através do qual pude manifestar intenções há muito reprimidas em meu âmago.

Serafina caracteriza não somente um alter ego, como se constrói principalmente sob as configurações da arte *drag*, manifestação artística da cultura *queer*, em que a espetacularização das expressões de gênero canaliza as intenções do artista de subverter e questionar as imposições sociais de gênero e sexualidade.

Drag queens/kings e transformistas, de modo geral, são artistas que performam gênero enquanto espetáculo, enquanto existência temporária de um corpo sobre outro, um corpo utópico temporal que existe durante o tempo da performance. (THURLER, AZVDO, 2013, p. 2)

Durante os momentos em que acontecem as performances que executo, visto um segundo corpo sobre a minha carcaça humana original, criando um novo ser. Por meio do exagerado uso de cores e formas, reordeno a minha identidade e consigo amplificar questões antes ignoradas pela repressão, explorando a prática artística como artistas visuais contemporâneas como a amazonense Uýra Sodoma, para quem se montar é “uma viagem constante de reconhecimento do corpo”, e que encontra na arte maneiras de expressar e explorar “locais que nos foram proibidos” (SODOMA, 2018), e a *drag queer* porto alegreense Alma Negrot, que resolve “tudo aquilo que gostaria de ser e não cabe no gênero masculino, na performance” (NEGROT in PIFANO, 2017).

Estabeleço o meu corpo como suporte fundamental da minha arte, e “Uma Entidade Elemental Nascida no Coração do Cerrado Rumo às Estrelas” (Figuras 1 e 3 ) e “Possessão” (Figuras 2 e 4) são os registros dessas primeiras intervenções, em que a performance se desdobra na fotografia, canal pelo qual oriento minhas ações, consigo contemplar as possibilidades que primeiro experimentei nos gestos, e expor as minhas aventuras com a arte para o público.



Figura 3: Uma Entidade Elemental Nascida no Coração do Cerrado Rumo às Estrelas, Montação, 2018, Acervo Pessoal.

Foi nesse momento que me apropriei dos meus traços femininos, abracei a forma com que eu sentia o mundo, e expressei a minha natureza de forma mais evidente, através de artifícios plásticos e marcadores visuais, transformei a minha imagem, e não só me assumi para o mundo, como assumi o meu mundo, e passei a interpretar como uma missão sagrada a jornada de trazer à vida o meu mundo interior.

Ao aproximar o ato cotidiano de estar na natureza com a intenção de ser a minha natureza, transformo o que sou em arte, e a partir daí estabeleço um diálogo com o meu fazer artístico, conferindo-lhe personalidade e vida.

Fazer essas intervenções na Chapada dos Veadeiros também me trouxe um senso de pertencimento. Ao olhar para o Cerrado e suas paisagens típicas onde cresci, para a sua natureza

onde ela é mais antiga e exuberante, me enxerguei. Enxerguei nas savanas goianas o meu reflexo e o motivo da minha força, da minha resistência e da minha insistência em continuar a renascer apesar dos incêndios que me devastaram por dentro ao longo da minha vida. Encontrei ali a justificativa necessária para romper com os estigmas sociais e as crenças limitantes que me marginalizaram dentro da sociedade, fosse por minha feminilidade ou por minha sexualidade. Enxerguei a minha casca grossa, vi como o meu corpo dançava sob o sol como os troncos retorcidos das árvores, e me alinhei com a natureza.

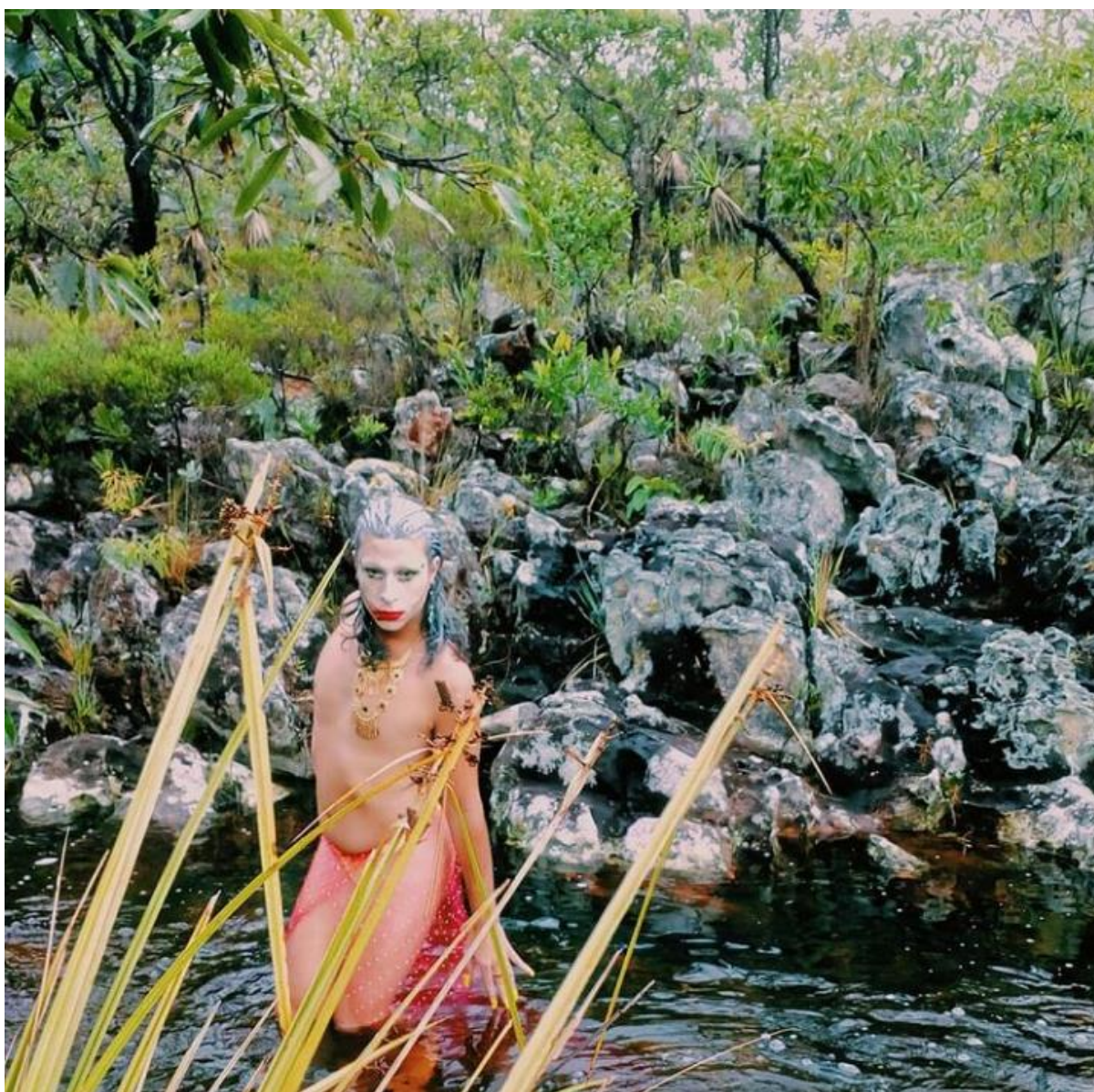


Figura 4: Possessão, Montação, 2018, Acervo Pessoal.

Essas ocupações artísticas deram início a uma jornada de descoberta, em que explorei as paisagens da minha mente, o meu corpo, a arte e o mundo de uma forma totalmente nova

para mim até então. Conforme me descobri, vi que era possível despir todas as impressões exteriores que fui internalizando e criaram um distanciamento entre quem eu sentia e queria ser, de quem eu era. Foi como nascer de novo. Afinal, nunca fui capaz de explorar as possibilidades que meu corpo e seus desejos apresentavam, tampouco de compreender meus afetos e inclinações. Não conseguia me reconhecer em nenhum lugar; nem no espelho, nem em qualquer opção de vida apresentada pela sociedade. Eu não me via como um homem, ou uma mulher, não me sentia gay, mas também nunca fui heterossexual, então eu vagava, perdida, buscando como eu poderia entender o que me impulsiona a agir e criar algo com significado nesse vasto mundo.

Ao longo da minha vida, a arte auxiliou no entendimento de questões que me pareciam distantes. Foi através da literatura, do cinema, da pintura, da música e da dança, que pude acessar o meu corpo e não crescer completamente alheia aos seus impulsos e desejos insistentes e violentamente silenciados e reprimidos pela cultura e família em que fui criada. Ao ser alienada de mim mesma, em um ambiente que não me entendia, e muito menos oferecia suporte para que eu pudesse me compreender, foram nos filmes, nas canções, nos quadros e, principalmente, na performance de artistas em cima do palco, que consegui enxergar a possibilidade de naturalizar quem era e ser aceita pelas pessoas ao meu redor.

Acredito que a compreensão de mim mesma parte também do meu lugar no mundo, e produzir arte em meio ao Cerrado me deu um senso de direção num momento em que não conseguia me expressar. Quem eu sou se esbarra em como quero ocupar não só o meu corpo, como também em como quero ocupar o planeta, passando pela percepção de mim mesma na sociedade, através dos olhos das outras pessoas, principalmente das que me criaram e educaram até eu formar a minha própria identidade. Compreender como entendo, me expesso e me incluo nesse processo de socialização em uma rede de trocas afetivas e informações compartilhadas que vem bem antes de mim e continua para muito além, é também parte fundamental dessa jornada.

Consumir arte e participar do processo artístico como público não me foi suficiente, e por muito tempo, interrompi o sonho de ser uma artista, ainda por medo de expressar as minhas ideias e identidade em um cenário que não valorizava a mim ou pessoas como eu. Até que cheguei em um ponto da vida em que tudo o que conseguia enxergar no espelho era o fracasso em ser quem eu era.

Embora sempre presente, comecei a notar a presença do espelho e usá-lo como artifício visual nos meus trabalhos em 2019, quando, levada a experimentar com a pintura em uma disciplina da faculdade, me sugeriram a brilhante ideia de pintar sobre espelhos (Figura 5).

Nessa época, meus planos eram criar objetos de arte em que as ideias e as circunstâncias presentes se assemelhassem às Montações que eu produzia, fazendo Serafina permanecer para além dos momentos em que durava a performance lhe dando vida.



Figura 5: Autorretrato - Fragmento 1, 2019, Acervo Pessoal

Acabei enxergando muita potência no processo, e comecei a enveredar por outros caminhos com o material, possibilidades plásticas menos literais, em que o próprio reflexo cria a pintura, e não o pigmento. Levada a pensar o ato de pintar por artistas como Yves Klein, que busca a criação de estados pictóricos imateriais, e expande a nossa percepção do que é pintura, falando de pintar com palavras, com o tempo, e com os ventos sob a tela da existência, passo a me indagar se o mundo é uma grande obra de arte, em que não existem bordas, e o local de ação do artista é a vida. (KLEIN, 2006)

Percebi, nas longas horas em que passo diante do reflexo, que abro as portas para a transformação, olho para as rachaduras e quebras deixadas pelos impactos de traumas, contemplo caminhos, e instigo a ação de me apropriar das visões inconscientes que me movem para me remontar.

Com os espelhos notei o quanto me sentia incompleta, apegada às limitações do olhar do outro, nunca tinha realmente olhado para mim, ou para o mundo a partir do meu lugar. Quando comecei a me transformar através da pintura e da performance, e nas longas horas em

que passava avaliando os registros deixados em fotografia e vídeo, começo a me entender, destrinchando como sentia o universo, e as formas com que ele me impactou e me moldou em momentos em que eu não tinha os aparatos para não ser uma vítima.

O psicanalista Jacques Lacan descreve o que chama de Estádio do Espelho, fase pela qual o ser humano passa nos primeiros meses de vida ao ser inicialmente colocado diante do espelho.

“Esse ato, com efeito, longe de se esgotar, [...] logo repercute, na criança, numa série de gestos em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio ambiente refletido, e a desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas ou mesmo objetos que estejam em suas imediações. (LACAN, 1996, p. 97)

Nesse processo de identificação primordial, assumimos a nossa imagem de Eu e estabelecemos nossa relação com a realidade, nos precipitando em abraçar uma identidade alienante, marcada pela insuficiência orgânica da realidade natural circunscrita em nosso mal estar e limitações motoras de bebê (LACAN, 1996).

Buscando reinventar a minha relação com o mundo, lancei o espelho na parede, no intuito de aniquilar o reflexo, destruí a relação que estabeleci com ele quando o compreendi pela primeira vez, ainda criança, e enxerguei o Eu na minha imagem, e o Outro no que se separava de mim e construía a visão do mundo ao meu redor. Não vi, mas fechei os olhos e senti, e a partir do tato (um dos sentidos para o qual me noto menos consciente) olhei para o espelho novamente, e o reconstruí, reconstruindo o meu mundo nesse processo, de modo a ver sob diversas perspectivas, inclusive abraçando as contradições do eu, e as nuances do outro. Abri mão das expectativas, acabei com as projeções e realinhei os estilhaços deixados pela ruptura entre a minha essência e o que me foi apresentado como possibilidade de vida em sociedade.

O resultado desse processo pode ser visto primeiramente em “Estágio do Espelho” (Figura 6), trabalho em foto e videoperformance feito no final de 2019 para o projeto Social Nova, em parceria com coletivo de artistas goianos, que propôs a ocupação dos espaços urbanos de Goiânia com manifestações artísticas nem sempre aceitas e bem-vistas na nossa cultura regional. Aqui, os fragmentos de espelhos foram reorganizados em uma máscara,

impossibilitando discernir qualquer traço do meu rosto. Dessa vez, meu trabalho de transmutação não foi pensado para rearranjar e evidenciar elementos figurativos do meu corpo através da pintura, antes disso, foi projetado para escondê-los, rearranjando e evidenciando o mundo ao meu redor, criando uma pintura viva a partir dele.



Figura 6: Estágio do Espelho, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

Nessa produção, pude entender o processo da Montação que culmina na transformação do meu ser, e perceber o que eu estava tentando fazer desde o início. Foi apenas ao fazer esse trabalho que notei a vida criada a partir do momento em que decidi me maquiar pela primeira vez à beira do Córrego da Preguiça, na Chapada dos Veadeiros, e comecei a entender melhor a jornada desencadeada naquele dia.

Pouco mais de dois anos depois, com a série “Ser Um Com a Natureza” (Figuras 7, 8 e 9), produzida em 2022, propus a utilização do espelho como um artifício para me camuflar à paisagem natural e reinventar a natureza. Nessa ação, me esgueirei pelo bosque, por entre árvores, plantas e folhagens frondosas, com as partes do corpo que caracterizam os dois gêneros, masculino e feminino, cobertas por pedaços de espelhos, buscando transformar a relação que estabeleci ao longo da minha vida com o ato de ser humano, e esboçar um ente para além das dualidades.

Em um esforço por me reconciliar à identificação com um corpo despedaçado (LACAN, 1996), busquei reconectar os estilhaços de rupturas traumáticas vividas ao longo da minha vida, e rejeitar a visão que não contemplava a pluralidade de caminhos que eu enxergava no mundo, a fim de me conectar comigo mesma. Ao buscar os desdobramentos do meu trabalho no reflexo, encontrei formas de juntar os fragmentos que, antes quebrados, geravam a desilusão com a minha vida e faziam eu me sentir perdida.

Com esses dois trabalhos, ao reencenar o Estádio do Espelho como proposto por Lacan, o fiz como Serafina, e enxerguei o mundo através de seus olhos, percebendo que, enfim, eu estava me inserindo na vida e na sociedade, orgulhosa de quem sou. Vi que, como artista, podia agora me incluir no processo de criação da humanidade, fazendo algo que realmente comunicasse e impulsionasse as ideias e visão de mundo que nasciam do meu corpo e da minha percepção da natureza ao meu redor. Se antes eu não conseguia me ver no mundo, muito menos me enxergava criando algo nele, contribuindo para a perpetuação de valores que somente buscaram me matar. Agora, com a arte, encontrava a possibilidade de ser humana, de gerar vida e de injetá-la na existência. No espelho eu já não via o fracasso, no cotidiano eu já não encontrava motivos para separar Felipe e Serafina, Arte e Vida.



Figura 7: Ser Um com a Natureza, Montação, 2022, Acervo Pessoal.



Figura 8: Ser Um com a Natureza, Montação, 2022, Acervo Pessoal.



Figura 9: Ser Um com a Natureza, Montação, 2022, Acervo Pessoal.

## Capítulo II – Mundinho Serafina.

Nas horas em que passava diante do espelho explorando o reflexo e transformando meu corpo com a pintura, acessava um novo mundo, duplicado e semelhante ao real, mas rearranjado através da arte. Nos vislumbres dessa biosfera reinventada, capturava a essência de Serafina e criava esse novo ser que, hospedado em meu corpo, trazia à tona visões do inconsciente através das quais pude evocar à superfície o meu interior e explorá-lo, buscando viver o que outrora me foi tomado.

Chamo esse capítulo de Mundinho Serafina porque nele procuro compreender, a partir da análise de algumas Montações que mais me atravessaram ao longo desses anos de produção, os elementos artísticos que construíram o mundo que pude explorar ao ceder o meu corpo para uma nova *persona*, e como gerei essa nova vida através da arte, capaz de transformar a minha relação com a realidade social produtora de um mundo em que eu não me encontrava.

A primeira vez que performei como Serafina para o público foi na Praia da FAV, evento de recepção dos calouros, promovido pelas atléticas dos cursos da Faculdade de Artes Visuais da UFG, em 2019, e aqui, celebrando o meu encontro com o outro, tive a oportunidade de aprofundar a personalidade desse alter ego e começar a desvendar os elementos evocativos das paisagens mentais impulsionando a manifestação dessa nova vida. Em “Gênesis” (Figura 10), as visões que inundam o imaginário tomaram a forma de um vasto oceano, e dessas águas psíquicas Serafina se esgueirou como uma sereia, coroada pela Lua, ansiando pelas possibilidades de realização oferecidas pela terra. Ao aportar, caminhei com dificuldade em cima do salto alto pelo terreno íngreme do estacionamento da FAV. Cercada por uma vista panorâmica da cidade de Goiânia, altas árvores cheias de verde e muito barro de obras inacabadas do Campus Samambaia, iniciei a minha dança, carregando cada gesto com a intenção de permanecer viva.



Figura 10: Gênese, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

Conforme seguia com os movimentos, comecei a me desmontar; os elementos plásticos e visuais que trouxeram Serafina caíam e voavam com a intensidade do ritmo e as imprevisibilidades do terreno desnivelado. Pouco a pouco, era como se ela sumisse. Mas antes que desaparecesse em um rastro de destruição, o instinto clamando por resistir se joga no solo, e se cobre com a terra avermelhada. Mergulhada no concreto e no barro, como antes tinha feito em águas correntes, agora o lugar de manifestação dessa vida é no mundo exterior, na sociedade, nos bosques, nas cidades, e não só nos meus sonhos.



Figura 11: Arcano Sem Número, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

De modo semelhante, em “Arcano Sem Número” (Figura 11), Montação orquestrada pouco depois da Praia da FAV, exploro o desejo pela aventura de tornar minhas visões interiores em realidade através da arte. Nota-se como a pintura é uma ferramenta fundamental na construção da minha expressão. Através dela, reinterpreto a figura humana de maneira quase psicodélica, borrando as fronteiras que separam as formas, e intensificando as cores, de modo a expandir as possibilidades expressivas do corpo para fora dos limites físicos, ou sociais, evidenciando um ser humano inclassificável. Pintar sobre um suporte, como em uma tela ou numa parede, embora um exercício que eu amo, não parecia potencializar as questões que eu queria levantar, nem tampouco me pareceu suficiente para criar essa vida que eu tanto ansiava em ver manifesta no mundo.

“Já não quero o suporte do quadro, um campo a priori onde se desenvolva o "ato de pintar", mas que a própria estrutura desse ato se dê no espaço e no tempo.” (OITICICA, 2006, p. 84)

E quando escolho pintar sobre o corpo, de modo semelhante, expando o ato da pintura para fora dos limites do quadro, contagiando a vida de luz e sombras, cores, claros e escuros, me abro para a possibilidade de trazer as questões que tanto me indagavam, e buscava

solucionar na arte, para o cotidiano, desenvolvendo a pintura em profusão pela minha pele na performance. A pintura funciona como uma prótese, que possibilita caminhar pelos contrastes e nuances da vida, trazendo à tona a perspectiva de um novo mundo, que poderia ser imaginado nas telas, mas que parece vivido de forma muito mais profunda se sobreposto ao corpo, ao espaço e ao tempo.

Outros dois elementos que passaram a ser recorrentes no Mundinho Serafina também se tornam perceptíveis: o Tarot e a palhaçaria. O arcano sem número no Tarot, é comumente chamado de O Tolo, ou o Bobo, e representa a energia de criação em seu estado latente, antes de se manifestar no mundo, como potência de transformação e desejo por construir algo para si. Nessa produção de 2019 (Figura 12), busco na simbologia dessa figura, a força para dar o pontapé inicial na formação de um novo mundo e na busca por transformar a vida. Além disso, as cartas do Tarot, como o artista e psicólogo chileno Alejandro Jodorowsky bem diz, não são capazes de mostrar o futuro, antes disso, funcionam de modo semelhante a um espelho que mostra nosso interior, cujas figuras são capazes de trazer à tona questões inconscientes e ideias antes ignoradas para auxiliar-nos a enxergar a jornada da vida com mais nitidez (JODOROWSKY, COSTA, 2016). E assim também vejo a minha arte; um reflexo através do qual percebo potências escondidas em mim.



Figura 12: Arcano Sem Número, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

Aqui, fiz a minha própria interpretação do Tolo e o imaginei como um palhaço, me apropriando do espalhafatoso, do ridículo e do exagero como uma forma de superar as gozações e risadas maldosas e indiscretas que suportei por onde passava. Como antes me apropriei da feminilidade, pela qual tanto insistiram em me rebaixar, como impulso para a minha força, agora resgatei a insubordinação estética; os gestos, as roupas, o andado, a postura, e a incapacidade de me adequar às expectativas de uma racionalidade humana dada pela cultura na qual não me encaixava, como uma forma de transformar meu pranto em festa, na intenção de rir por último, e rir melhor, de não permitir me silenciar por pessoas que, ao não compreenderem quem sou, tentam me acuar, me fazendo de chacota. Se a intenção é rir de mim para que eu me constranja, essa estratégia já não mais funcionaria para me reprimir e eu esconder quem sou, agora consigo rir também.



Figura 13: Fome de Mundo, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

Continuando a apresentar as produções, em "Fome de Mundo" (Figuras 13 e 14) uso mais uma vez a pintura como uma das ferramentas para evocar uma nova relação com o corpo, rearranjando os elementos da figura humana através da arte, chamo à vida uma criatura híbrida; uma bicha: meio homem, meio mulher. Uma besta faminta por experimentar a existência, Serafina irrompe de seu mundo como uma verdadeira predadora, e ao trazer essa força pra fora, me lembrei de todas as vezes que me calei por medo de ser devorada por um mundo em que não encontrava espaços para mim. Ao estampar essa minha outra face, deixei de lado o pavor que sentia e o substituí pela noção da resistência.



Figura 14: Fome de Mundo, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

No I Colóquio Linguagem, Gênero e Sexualidade, promovido pela Universidade Federal de Uberlândia de forma remota em 2022, o professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Leandro Colling, propôs a resistência como uma chave de leitura para interpretar as artes do que ele chama de dissidências sexuais e de gênero. Citando exemplos de produções artísticas feitas no Brasil, como de Linn da Quebrada e Jup do Bairro, ele apresenta a arte como um espaço onde pessoas LGBTQIA+ encontram formas de resistir politicamente, potencializando sua existência diante de um poder que se estabelece sobre os corpos marginalizados na sociedade em que vivemos.

Ao me apropriar da arte como um espaço para cultivar e impulsionar a minha vida em um mundo em que sempre me senti sufocada e coagida a abandonar quem sou em prol de papéis sociais que me parecem inócuos, me aproprio também da resistência como uma luta política.

Na arte, recrio o mundo que experimentei. Ao passar pela vida sendo recebida com silêncio, correção e coerção, quando não com olhares de ódio, palavras duras que me diminuam, e até mesmo socos e pontapés, criei o costume de me resignar e reprimir impulsos a fim de transitar pelos espaços sem ser incomodada por apenas existir. Ao articular os elementos que evocam Serafina, não trago a vida somente uma personagem, também articulo uma série de linguagens artísticas e códigos visuais que lançam um filtro sobre a realidade

estabelecida, e recriam o mundo em um processo em que reinvento a minha natureza e reinterpreto a minha caminhada pela biosfera da Terra, certa de quem sou e preparada para me defender. Encontro na arte um espaço em que posso explorar meu corpo sem medo, em um mundo que agora domino, e assim, consigo dar vida a gestos, voz aos desejos e intrepidez aos impulsos, inibindo comportamentos e ciclos viciosos adquiridos pela censura, e encontrando coragem para encarar o mundo de frente.

Através das Montações, busco com as artes, mecanismos pelos quais posso expressar um mundo de sensações que se perderam em um processo de resignação da minha personalidade. A repressão sofrida pelo meu corpo ao longo da minha formação levou a um acúmulo de traumas não superados que formaram uma espécie de coágulo psíquico, impedindo a vida de fluir.

Em *Ele e Ela Shopping* (Figuras 15, 16 e 20), série em fotoperformance produzida em 2019, pude expressar esse sentimento que me acompanhava aonde quer que eu fosse; a tensão gerada pela minha presença, e a diferença, que muitas vezes eu sequer notava, mas que os outros faziam questão de pontuar, até mesmo de forma pejorativa. Nesse trabalho, fica nítido o tom alegórico que imbuo na minha produção, remanescente da estética do exagero presente na arte drag (PEREIRA, 2003). É como se eu pegasse um sentimento e o carregasse de intenção visual, fazendo-o notado sobre a minha pele, e não só por dentro dela. Assim, expreso por meio da pintura, dos acessórios e roupas em meu corpo o que há muito ficara reprimido, com o objetivo de, então, fluir pela vida.



Figura 15: Ele e Ela Shopping, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

Ao fazer essa ação, me lancei nas ruas de Goiânia como Serafina. Pela primeira vez saindo dos espaços relegados para a expressão artística e a arte queer, caminhei pelas calçadas da Avenida Anhanguera, no Centro da cidade, com a cara pintada e a bunda de fora, sob o sol de uma tarde movimentada nos comércios pululando pelo passeio, com a intenção de capturar na câmera o estranhamento gerado pelo meu corpo. Um estranhamento que, no cotidiano, não é provocado pelas roupas que eu uso, mas que aqui é potencializado pela Montação, de modo a escancarar a relação estabelecida com o mundo ao longo da minha formação como indivíduo e reinventá-la, a fim de seguir com a vida livre do ciclo repetitivo dos erros dessa criança traumatizada e acuada diante de todos



Figura 16: Ele e Ela Shopping, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

A minha surpresa foi enorme ao ser recebida nas ruas como uma estrela, com elogios, abraços e curiosidade. Obviamente olhares ríspidos de desprezo e estranhamento se ergueram assim que pisei na avenida (Figura 17), mas a reação negativa não passou de olhares, e a recepção positiva das pessoas reverberou bem mais (Figuras 18 e 19).



Figura 17: Acervo Pessoal.



Figura 18: Acervo Pessoal.



Figura 19: Acervo Pessoal.

Eu não imaginava que ao me colocar no mundo, expressando a minha natureza da forma mais evidente que consegui encontrar, seria tão bem recebida pelas pessoas. E esse foi um sabor me oferecido pela arte, ferramenta pela qual lanço um filtro sobre a realidade e recrio o mundo, enxergando novas relações dentro da natureza; possibilidades de uma sociedade onde eu pudesse ser aceita, vislumbrando os efeitos práticos do exercício de resistir em meio a uma cultura que não possui os aparatos ideológicos e conceituais para lidar com pessoas que manifestam a vida para além dos limites de gênero e sexualidade impostos aos nossos corpos quando nascemos. Assim, criei um espaço para que eu mesma pudesse cultivar os sonhos que florescem em mim, e articulei, nos registros desses processos, formas de sensibilizar as pessoas para novas interpretações e manifestações de vida que ainda não foram abraçadas pela cultura.



Figura 20: Ele e Ela Shopping, Montação, 2019, Acervo Pessoal.

### Capítulo III – Vivendo a Arte.

Penso na existência por vias de ocupação. Após gritar independência, minha luta foi contra os pensamentos e laços conceituais que colonizaram a forma com que explorava as possibilidades circulando por meu corpo. A colonização se inicia no imaginário, veículo pelo qual ela gera cultura, comportamento e visão de mundo (GRUZINSKI, 2005). O brado de independência começa na mente, ao tomar o controle das fantasias que ganham contornos através de nossa luz interior, podemos dar vida a elas através do uso consciente e livre de nossos corpos. Ocupar o corpo, daí se lançar no mundo; ocupar a Terra, ocupar a vida. Ocupar, não dominar. Ocupar visa uma relação harmoniosa com o mundo ao redor, livre dos regimes de poder que depredam e destroem possibilidades, violentam naturezas e estabelecem limites.

Eu jamais quis rejeitar a vida que cresce em mim, muito pelo contrário, sempre encarei a existência como uma benção e meu desejo era o de abraçar o mundo e ser abraçada de volta. Impulsionar quem sou nunca foi um esforço egoísta, em busca de me elevar a humanidade, cultivando o que me torna diferente para me sentir melhor ou mais sagrada do que os outros. Na verdade, essa empreitada nasce da necessidade de estabelecer conexões com o mundo e me incluir no processo de construção da sociedade, entregando algo que eu sinta como real para as pessoas.

Se contemplamos na psicanálise a possibilidade de encontrar as respostas em que se revelam o nosso destino mortal, nela não conseguimos empreender a jornada que nos leva a vivência do verdadeiro ser (LACAN, 1996). E mesmo após horas de análise em terapia, tendo conseguido perceber os meus incômodos e as necessidades psíquicas para que eu me resolvesse enquanto indivíduo, sentia como se não conseguisse sair do lugar, sem as ferramentas para articular na vida as transformações que tomavam forma em mim.

Nesse sentido, como observado por Kandinsky, a arte apresenta o que podemos sentir como o despertar de sentimentos matizados, ainda sem nome (KANDINSKY, 1996) e sugere a possibilidade de “projetar a luz nas profundezas do coração humano” (SCHUMANN in KANDINSKY, 1996, p.15), abrindo novos caminhos e podendo funcionar como guia pela jornada de viver quem somos.

Enxergo as potências da arte no cotidiano; na batalha por se levantar da cama, ou na jornada de fúria pelas ruas da cidade dentro de um coletivo, e até na performance feita no trabalho para atender bem todos os clientes em um dia cheio no shopping, por exemplo. Estreitar a conexão entre arte e o dia a dia, onde se cria as práticas da vida, abre terreno para

imaginar possibilidades de novas práticas com o corpo, e com a psiquê humana, de onde se vislumbra estepes de mundos possíveis.

Em uma mesma época de 2020, colocamos vários dispositivos eletroeletrônicos para descarte lá em casa, e atraída pela estética de alguns, curiosa por saber como aqueles aparelhos eram montados e funcionavam, comecei a desmontá-los, analisando como eram por dentro. Imediatamente minha imaginação foi levada para o corpo biológico, e sua rede de conexões, impulsos e circuitos o modulando por baixo da pele e gerando a vida.

Comecei a pensar na célula como uma forma de vida em si mesma, até mesmo lembrando de seres que são unicelulares, e notei como a ciência fala do corpo como uma conjunção de sistemas que operam, de certa forma, de modo independente, para gerar a coesão fisiológica que mantém o corpo humano. Fragmentos que, sozinhos, não formam coisa alguma, mas que em conexão, geram vida.



Figura 21: Apoteose: Ato I - Gestação, Montação, 2020, Acervo Pessoal.

Em “Ato I - Geração” (Figura 21) se inicia a “Apoteose”, trabalho em três partes em que se desdobram as viagens por esses circuitos, através do qual explorei a possibilidade de viver uma utopia em vida através da arte. Nesse primeiro ato, começo a esboçar um novo sistema, um mecanismo capaz de me conectar ao corpo e conectar o corpo: que do fio de cabelo ao mindinho do pé, saibam que somos um só. Buscando novos rumos para a minha vida, visualizei caminhos que se cruzam, sistemas conectados em uma intrincada rede de dados e impulsos cíclicos, viajando de um lado ao outro; desejos abstratos que se tornam ações, visões turvas que viram ideias. Passei a indagar: como fazer a ponte para que eu acesse as minhas vivências em arte e as disperse no mundo?



Figura 22: Apoteose: Ato II - Dispersão, Montação, 2020, Acervo Pessoal.

Seguindo com o “Ato II - Dispersão” (Figura 22), o espelho aqui se torna o símbolo de um mundo virtual, o inconsciente, ou até mesmo as visões espirituais que nascem nos sonhos. Na arte, crio canais através dos quais consigo visualizar e induzir a dispersão de uma nova

visão de mundo em atitudes pelo cotidiano. O mecanismo esboçado no ato inicial de “Apoose”, se torna uma bomba, que ao explodir, dispersa as ideias que moldaram minha prática artística no ar como a radiação de uma bomba atômica, e possibilitam sua absorção por contágio, de modo semelhante a um vírus. Nesse encontro, da combustão gerada dentro de um mecanismo com as partículas do ar, as respostas se revelam na percepção nítida de que a totalidade orgânica é uma ilusão, e aceito minha condição de parte limitada de um cosmos infinito (HARAWAY, 2009).



Figura 23: Apoose: Ato III - Serafina dá à Luz, ou Tudo é Amor, Montação, 2020, Acervo Pessoal.

A “Apoose” culmina no “Ato III – Serafina dá à Luz, ou Tudo é Amor” (Figuras 23, 24, 25, 26 e 27), trabalho em foto e videoperformance, em que trago à vida um ciborgue que, fugindo da programação mecânica que lhe fora incumbida, gera e pare uma forma de vida

completamente original. Buscando imaginar a natureza longe das narrativas científicas que a estabelecem como um sistema de produção e reprodução (HARAWAY, 1991), encontro na arte o amor necessário para redesfazer o nó de servidão, tanto sistêmico, quanto imaginário, que nos amarra (LACAN, 1996). Amor que fala sobre conexões, sobre a união de partículas que, dentro de uma pluralidade simbiótica, geram átomos, células, tecidos, órgãos e copos em dispersão pela vida.

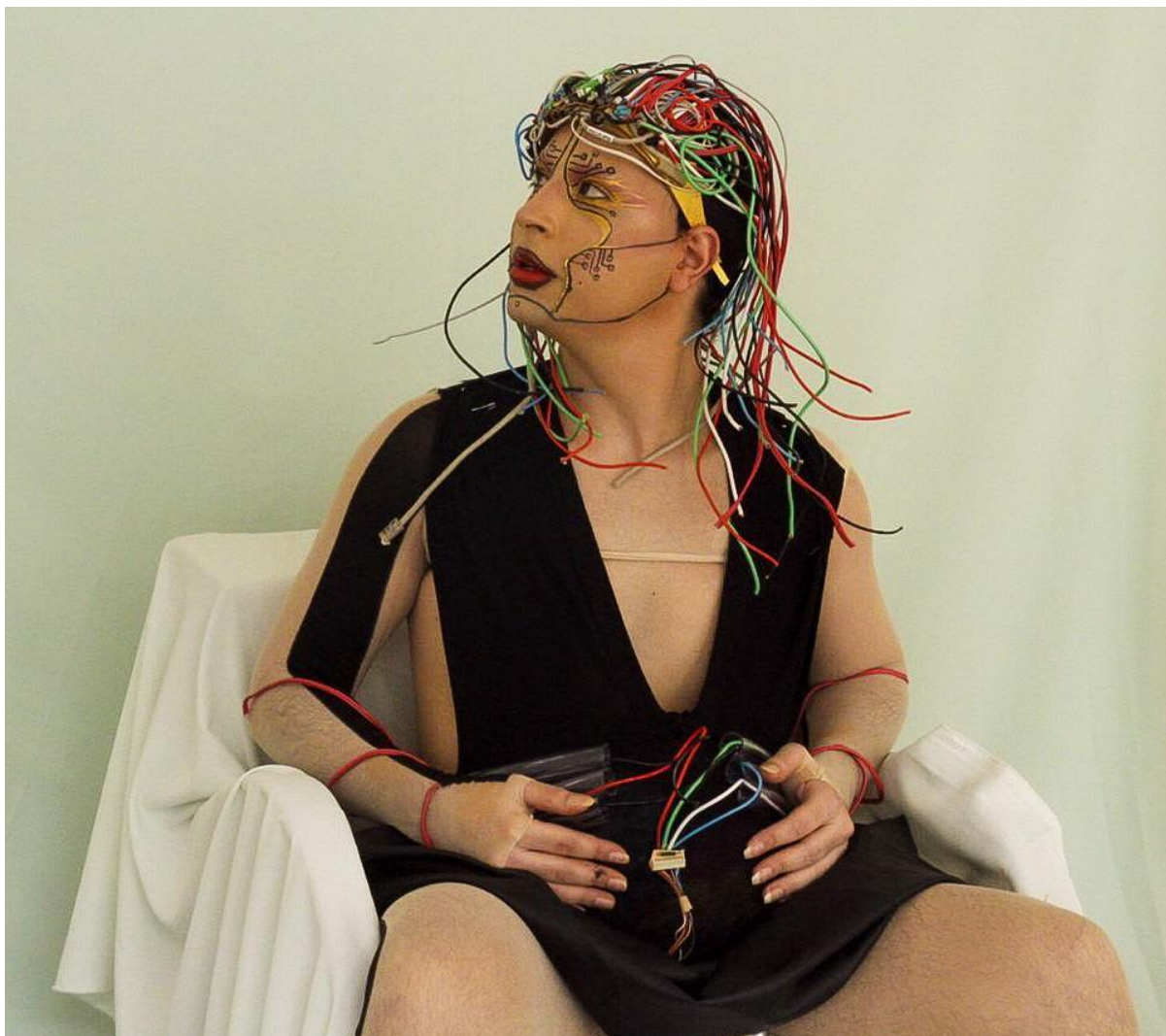


Figura 24: Apoteose: Ato III - Serafina dá à Luz, ou Tudo é Amor, Montação, 2020, Acervo Pessoal.

A figura do ciborgue aparece como uma alegoria capaz de dispor caminhos:

“uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal e também como um recurso imaginativo que pode sugerir alguns frutíferos acoplamentos.” (HARAWAY, 2009, p. 37).

“O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero, ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade.” (HARAWAY, 2009, p. 38),

e ainda;

“[...] ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim.” (HARAWAY, 2009, p. 96).



Figura 25: Apoteose: Ato III - Serafina dá à Luz, ou Tudo é Amor, Montação, 2020, Acervo Pessoal.

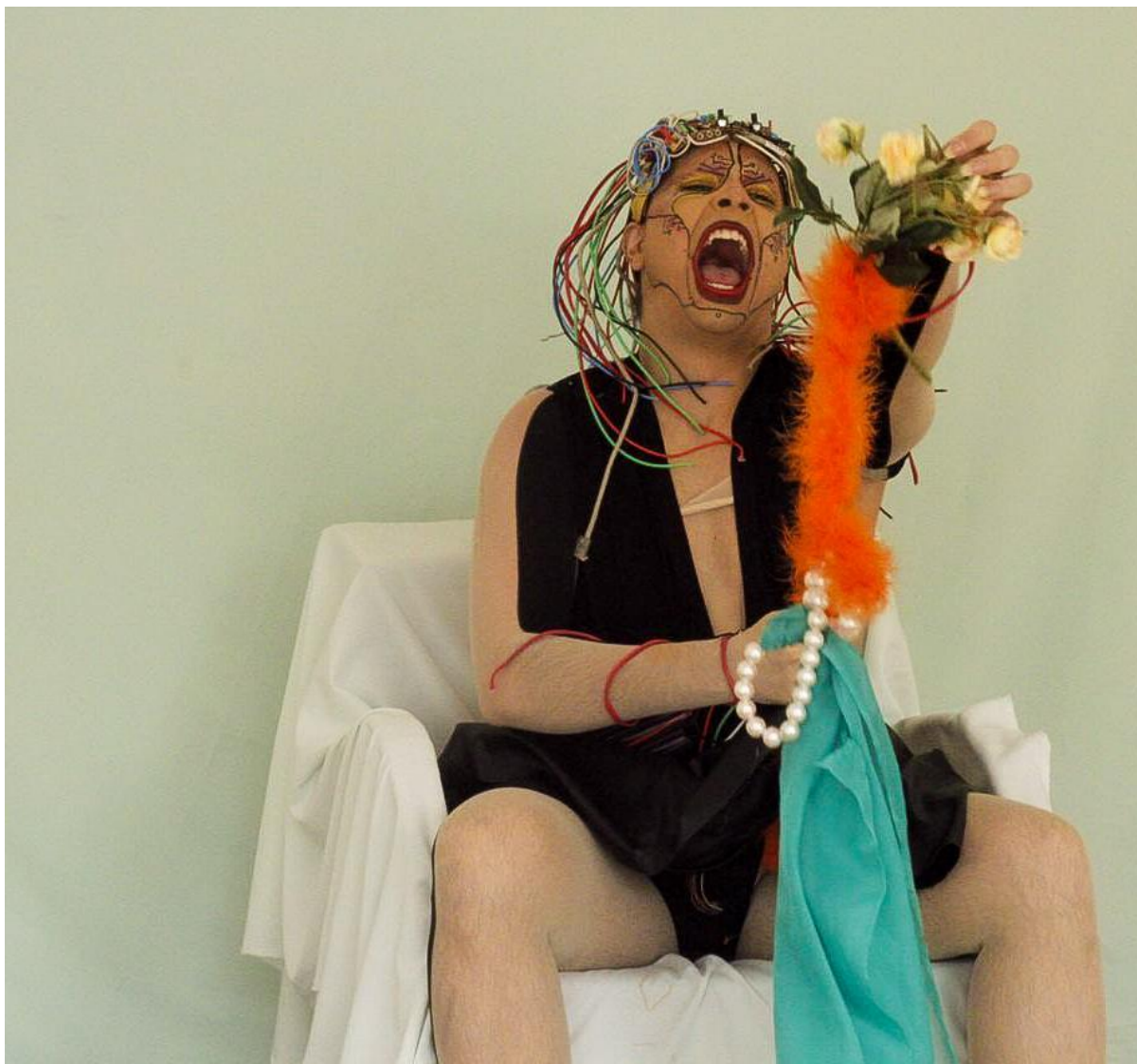


Figura 26: Apoteose: Ato III - Serafina dá à Luz, ou Tudo é Amor, Montação, 2020, Acervo Pessoal.

Ao canalizar em Serafina o desejo por gerar vida, conduzi essa intenção através dos dispositivos visuais evocados para construir esse novo modo de ser e estar no mundo. Ocupei a Terra agora conectada com as intenções que nascem em meu cerne e disparam pelo corpo em impulsos que geram ações, ciente que a consciência e seu veículo físico são parte de uma rede de conexões que perpetuam a existência. Fazendo arte, tive a oportunidade de me lançar a essa dança simbiótica imaginando movimentos que eu pudesse seguir, construindo caminhos pelos quais consigo transitar, abrindo espaços para viver em sociedade e me conectar às pessoas em sincronia e sintonia com meu verdadeiro ser, assim estabelecendo uma relação com o real que me possibilite impulsionar e viver quem sou.

Serafina é um mito político (HARAWAY, 2009) carregado de otimismo e ironia, vivido através da arte, que pressupõe a existência de um devir a ser, um ser *queer*, uma sociedade que

ainda não conseguimos imaginar, por vivermos inseridas em lógicas muito ligadas à dominação, ainda enraizada em esferas muito amplas da vida, mas que conseguimos esboçar, com a esperança de abrir caminhos em direção a um futuro para nós, em uma utopia *queer* por vir. (MUÑOZ, 2020)

Depois de busca difícil e incessante, encontrei na arte as ferramentas pelas quais poderia viver a fantasia de acessar um Universo Paralelo. Como que em posse de uma faca sutil, como a imaginada pelo romancista Philip Pullman em sua série de livros “Fronteiras do Universo”, eu usei a criação e a expressão por meio de artifícios plástico-visuais para cortar o véu entre mundos e abrir uma janela para uma biosfera reinventada. Uma Terra revivida, habitada por elementais, serafins, demônios, fadas, sereias, palhaços, alienígenas, seres híbridos e quimeras, de onde podemos ver novas formas de interpretar e nos relacionar com a natureza, outras lógicas sobre sociedades de animais e ideias diferentes sobre ciclos e fenômenos naturais que abram espaço para o entendimento e construção de práticas mais saudáveis em nossa própria sociedade para nós (HARAWAY, 1991), revivendo o corpo para além das ideias de dominação, produção e reprodução, e dos dualismos que

“[...] têm sido essenciais à lógica e a prática da dominação [...] de todos aqueles que foram constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu dominante.” (HARAWAY, 2009, p. 91),

e que impregnam a forma com que nos relacionamos com a nossa natureza.

Talvez a minha expectativa seja de que, ao simular o nascimento de uma semente gerada nas profundezas das minhas entranhas, eu esteja lançando novas ideias no mundo, com esperanças de que elas possam

“[...] sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas.” (HARAWAY, 2009, p. 99),

auxiliando não somente eu, mas outras a sonharem com possibilidades, formas de caminhar pela vida, e espaços para si, quando em casa, na igreja, na escola, ou em outros lugares de realidade social, nós nunca encontramos formas de ser.



Figura 27: Apoteose: Ato III - Serafina dá à Luz, ou Tudo é Amor, Montação, 2020, Acervo Pessoal.

## Considerações Finais

Chego ao fim dessa pesquisa com um entendimento muito mais profundo do meu processo artístico. Não só notei ao longo desse esforço os impulsos e efeitos da sua prática na minha vida, como também consigo articular as linguagens que uso na arte de modo a colocar o meu trabalho para o público.

Noto duas dimensões na minha produção. A primeira, marcada pela pintura e pela performance, tem uma conotação ritualística, em que o impulso de criação leva ao fazer artístico. Pela pintura, trago à superfície, identifico as visões inconscientes e evoco as ideias que me levam à ação artística. Na performance, vivo pelos gestos a possibilidade de manifestar desejos incontidos.

A segunda dimensão já diz respeito ao registro e exposição, marcada pela fotografia e o vídeo, que possibilitam contemplar e decodificar a experiência vivida no momento da execução da performance, e disponibilizam as ferramentas para capturar a efemeridade da Montação e dos gestos que animam Serafina. Assim proponho inserir minhas artes no circuito principalmente como vídeo e fotoperformance, meios pelos quais consigo expor os trabalhos para o público e propor as questões da minha produção artística, embora essa não deva ser uma forma de restrição para a exposição das minhas intervenções artísticas.

Se iniciei esse trabalho querendo solucionar a questão da minha linguagem, na intenção de resumir a minha produção a uma técnica específica e responder como poderia defini-la, ao fim percebo que é impossível dissociar a minha obra do *drag queer*, já que existe nela uma tendência muito forte pela alegoria, o exagero, o espetáculo e a ironia, assim como um desprezo por gêneros sexuais e artísticos, e uma personalização da arte, então chamo todo o percurso desse processo, de Montação, e assim abro espaço para que eu apresente as minhas proposições artísticas de outros modos que não passem necessariamente pelo vídeo e a fotografia, podendo levar qualquer parte dessa jornada de transformação para os olhos do público, seja como uma imagem fotográfica, uma pintura, um ritual ou performance no momento de sua execução.

Hoje, ao me sentar para escrever os últimos parágrafos desse trabalho, me lembro das Montações na Chapada dos Veadeiros, onde tudo começou, o momento em que Serafina nasceu. Eu ali, no Córrego da Preguiça, debaixo de nuvens de tempestade tão pesadas e próximas como eu nunca havia visto, saindo das águas, metamorfoseada, camuflada na paisagem, tomando posse do meu corpo; um espírito vivo. O Sertão Zen também foi uma experiência inigualável e inesquecível: me sentindo no topo do mundo, entoando para as

árvores “essa floresta vive em mim”, chamando à consciência os éons de história em energia que forjaram a Terra até que eu pudesse alcançar minha própria materialidade.

Ali eu já sabia o que estava fazendo? Como, a partir daquele janeiro de 2018 eu nunca mais seria a mesma? Eu imaginava que uma energia tomaria conta do meu corpo, cheia de força? Me levando a criar e experimentar o amor de uma forma como eu nunca havia sentido? Realizando os meus sonhos? Sem medos, apegos, sem “se”, sem “mas”, ou “talvez”?

Não, eu não sabia.

Mas agora sei, e consigo ver caminhos que se abrem a partir dessa experiência com a arte: possibilidades de dialogar, conhecer e abraçar pessoas que se identificam e aceitam quem sou, de passar pra frente a inspiração que recebo do mundo através da arte, com a esperança de ajudar outras que cresceram desajustadas como eu a esboçar seu próprio caminho. Ao fazer esse trabalho comecei a notar como a minha vida toda mudou desde que comecei a seguir o desígnio de fazer arte. A partir das longas horas em que passei escrevendo, contemplando e relembrando a minha jornada com Serafina, percebi como meu cotidiano havia se transformado com a presença dessa nova vida. As inseguranças se tornam menores a cada dia, cada vez menos eu me silencio diante de situações abusivas e me forço a aceitar atos de violência por conveniência, ou os reproduzo. Produzir arte também me deu um senso de direção e de confiança que abraça todo erro e aprendizado, nada falha quando a vida é um processo, e a sensação que eu tenho é que, enfim, tenho vivido o sonho de ser quem sou.

## Referências.

BOGGIANI, Paulo. **Geologia da Chapada dos Veadeiros**. Portal Bonito, 2015. Disponível em: <http://www.portalbonito.com.br/colunistas/paulo-boggiani/368/geologia-da-chapada-dos-veadeiros#:~:text=A> . Acesso em 24 de janeiro de 2023.

COLLING, Leandro. **Conferência de Encerramento (I Colóquio Linguagem Gênero e Sexualidade)**. YouTube, 24 de março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hauu6y-QhZs> . Acesso em 02 de fevereiro de 2023.

GRUZINSKI, Serge. **A Colonização do Imaginário: Sociedades Indígenas e Ocidentalização no México (Séculos XVI - XVIII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX**. In: Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano / Organização e Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2. ed., 2009.

\_\_\_\_\_. **Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature**. Routledge Ed., 1991.

Hypeness. **Uýra Sodoma, a Drag Queen Amazônica que Defende a Mata e os Animais**. Hypeness, 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/08/uyra-sodoma-a-drag-queen-amazonica-que-defende-a-mata-e-os-animais/#> . Acesso em 24 de janeiro de 2023.

JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. **The Way of the Tarot: The Spiritual Teacher in the Cards**. Toronto, Canadá: Destiny Books. 1st ed., 2004.

KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte e na Pintura em Particular**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KLEIN, Yves. **Manifesto do Hotel Chelsea**. In: Escritos de Artistas: anos 60/70 / Seleção e Comentários Glória Ferreira e Cecília Cotrim; Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LACAN, Jacques. **O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu**. In: Um Mapa da Ideologia / Organização Slavoj Zizek; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

MELIM, Regina. **Performance nas Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MUÑOZ, José Esteban. **Utopía queer**. El entonces y allí de la futuridad antinormativa. Buenos Aires: Caja negra, 2020a.

OITICICA, Hélio. **A Transição da Cor do Quadro Para o Espaço e o Sentido de Construtividade**. In: Escritos de Artistas: anos 60/70 / Seleção e Comentários Glória Ferreira e Cecília Cotrim; Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEREIRA, Lais Fontenelle. **Montação: Uma Forma de Expressão**, In: Moda Cluber e Raver: Uma Tendência na Cena Contemporânea. 114f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

PIFANO, Camila. **Drag Queer: o Corpo como Arte e Ferramenta de Autoconhecimento**. Diário de Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/10/drag-queer-o-corpo-como-arte-e-ferramenta-de-autoconhecimento.html> . Acesso em 24 de janeiro de 2023.

SODOMA, Uýra. **Em Carne de Bicha e Planta**. Manaus, 15 de abril de 2018. Instagram: @uyrasodoma. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Bhmm0R3A7R-/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=eaccd102-a1a2-4117-bc09-fd1dcad654b9](https://www.instagram.com/p/Bhmm0R3A7R-/?utm_source=ig_embed&ig_rid=eaccd102-a1a2-4117-bc09-fd1dcad654b9) . Acesso em 24 de janeiro de 2023.

THÜRLER, Djalma; AZVEDO, Armando. **A Arte é Divina Demais Para Ser Normal: Drag Queers e Políticas de Subjetivação na Cena Transformista**. Revista Crioula, São Paulo, nº 24, p. 224 - 238, 2019.